

Derrubadas em nome da lei

Ibama e Siv-Água fazem cumprir TAC para preservação do meio ambiente

RICARDO BORGES

Fiscais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e agentes do Sistema Integrado de Vigilância, Preservação de Mananciais (Siv-Água) iniciaram uma derrubada, na manhã de ontem, de casas construídas de forma irregular, em Vicente Pires. A operação começou por volta das 10h. Três casas foram ao chão.

“Não tem jeito de derrubar outro dia? Pago aluguel, minha mulher está grávida e não comprei nada para meu filho”, desabafou, inconformado, o jovem Justino Lino Pereira, 19 anos. Lamentos como esse foram ouvidos ontem durante



RAFAEL CARVALHO

Para cumprir acordo, fiscais demoliram três das 1.601 casas que devem ir abaixo até 2007

toda a ação. Porém, a operação visava garantir o cumprimento do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), firmado entre o Ibama e secretarias do Governo do Distrito Federal, com a finalidade de preservar a integridade do meio ambiente da região. O acordo resultará

na derrubada de 1.601 casas até o dia 27 de abril de 2007.

Inconformado com a destruição, Justino não aceitou as alegações dos fiscais. “Tudo o que eu queria era garantir moradia para criar o filho”, lamentava-se. A desempregada Eldneuza Barros de Andrade che-

gou sob efeitos de calmante ao local. Ela criticou o que o governo está fazendo com ela e com os moradores da região. “Estou com tudo certinho, tenho procuração, pago impostos e tudo. Gastei R\$ 81 mil para construir essa casa, agora eles vêm e destroem tudo?

Quero tudo que eles tiraram de mim”, disse a moradora, ameaçando entrar na Justiça.

Retirada das ruas

No mesmo horário da derrubada em Vicente Pires, fiscais do Siv-Solo retiravam moradores de rua que invadiram o lote 1.885, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), Trecho 2. O lote pertence à Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Segundo Zenon Ferreira Lima, agente da Fiscalização do Siv-Solo, esses moradores já foram retirados seis vezes do lote, mas insistem em voltar. “São cinco famílias resistentes, que sempre são retiradas, mas acabam voltando”, contou.

Um dos moradores alegou que eles voltam ao local porque ali têm segurança. Além disso, não têm dinheiro para comprar um lote. “Nós queremos um local fixo, com paz, e esse é o local. Eles vão nos tirar daqui hoje, mas amanhã vamos voltar”, disse.